PAISAGEM-PERCURSO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA VISUAL

Paula Cristina Somenzari Almozara, PUC-Campinas

RESUMO:

O artigo propõe reflexões sobre a construção de uma poética visual particular que tem a paisagem e o percurso como referência para realização de experimentações em linguagens como a fotografia, processos gráficos industriais e instalações.

Palavras-chave: arte, paisagem, processo, poética visual

ABSTRACT:

The essay reflects about a visual poetic process when the landscape and the way are a references for conducting experimentations with languages such as photography, industrials graphic processes and instalations.

Key words: *art, landscape, process, visual poetic*

Na arte contemporânea o interesse pela paisagem é evidenciado por meio da profusão de referências relacionadas direta ou indiretamente ao assunto e em projetos artísticos onde se nota uma forte necessidade de interação do indivíduo com o que o cerca. Processos poéticos demonstram assim, relações conceituais de dicotomia, integração, justaposição entre visualidades de sítios urbanos e sítios naturais; fragmentação de elementos da paisagem e sua resignificação.

O estudo e a produção artística tendo como base a paisagem e o percurso me interessam no sentido de que há uma construção poética a partir de uma relação entre o espaço, o tempo e a memória afetiva.

A situação de *flâneur*[1], de caminhante a deriva, que se deixa levar pelas sensações e observações do momento, que capta elementos significativos da experiência do percurso, permite uma estratégia de ação artística que combina fragmentos de experiências (visual, sonora etc.) que conduzem a uma reinvenção e reestruturação do e sobre o espaço.

> Algunhas das prácticas creativas contemporâneas teñen que ver con camiñadas e camiños, despois de que a figura do flâneur primeiro e da land art posteriormente instituísen unha forma directa e vivencial de relación coa nosa contorna a través da disciplina que supón camiñar. O povera, o conceptual, as desviacións situacionistas - por citar algúns exemplos posteriores - non fixeron máis que ampliar unha liña de traballo que entronca con actividades moi antigas dentro da historia da humanidade. O paseo, así, convértese na orixe da experiencia estética.
>
> Todo itinerario entre dous puntos leva o potencial de ser un camiñar poético, e a consciencia desa posibilidade é unha forma estruturadora de coñecemento e emoción que chega a nós dependendo de como se constrúa e con que ritmo se realizara o percorrido. Todo camiño ten um punto de destino, pero quizas o importante é o método necesario para levalo a cabo. Esa é unha premisa básica coa que se enfronta toda persoa cando se propón un exercicio de entrega e disciplina. (OLVEIRA, 2007. In: VILLAR, 2007)[2]

Vários aspectos acabam determinando a paisagem e o percurso como *constructo*[3]. Os elementos fragmentados e articulados que emanam da relação *espaço-tempo-memória* estabelecem uma base metafórica e uma situação de expansão dos conceitos básicos da paisagem entendida apenas como a representação de espaços naturais e do percurso como um simples "caminhar para".

Em meu trabalho, de modo geral, ao extrair de certos lugares, pequenos pedaços de materiais, elementos visuais, sonoros e ao combiná-los e recombiná-los, há a idéia de criar outras paisagens ou outros modos de ver e sentir a paisagem.

O processo artístico que estabeleço é desenvolvido a partir de algumas séries que acontecem simultaneamente e que dialogam poeticamente entre si. Ao longo dos últimos 4 anos, as séries que se destacam são: "Vistas possíveis", "Inventário de coisas vistas", "Escritura das pedras" e recentemente "Paisagem-percurso"[4].

Reflexões sobre a construção de uma poética visual

"Vistas possíveis" de 2006, é uma série que se configurou inicialmente como um *site specific*. Considero este trabalho como um momento importante de experimentação poética, pois foi a primeira vez que relacionei a vivência do espaço expositivo com elementos arquitetônicos do lugar para construir conexões com novas linguagens, em especial com a fotografia digital, a qual eu utilizava até aquele momento como recurso de arquivo imagético.

A proposta de "Vistas Possíveis" como um *site specific* foi realizada no Ateliê Aberto em Campinas (SP), onde a janela do atelier se converteu em elemento simbólico para a intervenção no espaço.

> Vistas Possíveis incorpora a janela da sala de exposições como elemento constitutivo do trabalho de Paula Almozara. Convidada a pensar o espaço, os fluxos e a identidade mutante dessa sala a artista que tem desenvolvido já há alguns anos um trabalho forte em gravura e desenho se dispôs ao deslocamento normalmente mais contido dessa poética para trata-lo sob novas condições espaciais de construção e recepção.
>
> Nas conversas estabelecidas para a criação de seu projeto Paula revelou que "a estrutura da janela do Ateliê Aberto, interessou-me pelo cruzamento de linhas verticais e horizontais que indicam uma relação espacial para a ocupação da sala. A janela como símbolo de passagem ou de limite de visão se impõe como uma vertente para a construção das imagens digitais as quais denominei vistas possíveis. Trata-se de um paralelo entre as imagens da vista real (o que se vê pela janela do ateliê) e imagens de outras vistas, de outras janelas."
>
> Assim, apresenta uma sequência de gravuras sobre papel e imagens digitais montadas sobre pranchas acrílicas elaboradas a partir dessa idéia estrutural da grade composta pela janela e por suas proposições de enquadramento da paisagem. Nessas imagens Paula nos leva a um jogo entre o possível e o permitido da configuração de voyeurismo próprio da janela. Capturando imagens de outros lugares urbanos alinhada à experiência da visão real e localizada que teve diante da janela do Ateliê Aberto a artista constrói imagens definidas parcialmente de tal modo que nossa percepção de seu trabalho nesse lugar escape dos limites do plano gravado e se estenda para a relação estrutural contida no projeto como um todo.
>
> Opta pelas formas do quadrado que estabelecem relação estreita com as estruturas horizontais e verticais vistas dentro e fora de seus limites. Cada imagem tem as dimensões de 13x13 cm e desses números Paula estende a simbologia da proposta lembrando do simbolismo do quaternário ali indicado [1+3=4]. Espécie de desdobramento possível para a leitura do trabalho específico gerado para a sala do Ateliê.
>
> Os contrastes gráficos pertencentes ao universo dedicado da gravura e do desenho também estarão presentes no Vistas Possíveis que modifica o espaço pintando uma das paredes principais da sala em preto.[5]

A partir dessa primeira experiência a correlação entre paisagem e recursos digitais se estabeleceu inexoravelmente, pois os processos digitais fotográficos permitiram a construção do trabalho com sobreposições de camadas que agiram como catalizador de imagens mnemônicas relacionadas ao espaço circundante, no caso o que se vê pela janela, o que se vê a partir da janela e o que se vê para além da janela, ou seja este elemento arquitetonico como um *contenedor* de estratos (BOURRIAUD, 2008) imagéticos de "vistas possíveis".

Detalhe de 4 fotografias digitais realizadas para a exposição "Vistas Possíveis", no Ateliê Aberto em 2006.

A utilização da fotografia se aprofunda nas séries posteriores, "Inventário de coisas vistas" e "Escritura das pedras" (2007), nas quais passo a dialogar também com processos de disseminação industrial de imagens em pesquisas técnicas de transferência gráfica com base no offset digital.

Nesse momento, começo a captar imagens por meio de aparelhos de celular como forma de anotação instantânea. Esse tipo de captação está presente nas imagens utilizadas na exposição "Estruturas", da série "Inventário de coisas vistas" realizada em 2008 na II Mostra de Exposições do Centro Cultural São Paulo.

> As imagens da série "Inventário de coisas vistas" nos convidam a investigar um caminho, tanto em busca de como elas se formaram, quanto em busca de um possível sentido desses objetos fotográficos no campo da arte. São registros de elementos arquitetônicos do próprio Centro Cultural São Paulo, que ressaltam as qualidades gráficas do espaço, criando um jogo de linhas e direções.
>
> Originalmente capturadas com uma câmera fotográfica de telefone celular, essas imagens foram retrabalhadas pela artista para finalmente serem impressas sobre chapas de alumínio, através da técnica halftone. Halftone consiste, basicamente, num método de impressão capaz de simular uma imagem de tom contínuo através do uso de minúsculos pontos de diferentes tamanhos, igualmente espaçados, criando uma ilusão de cor sólida.
>
> A partir desse método de impressão, as imagens adquirem uma materialidade inexistente no início do processo. Texturas, imperfeições, volume, são qualidades incorporadas ao trabalho pela técnica e suporte

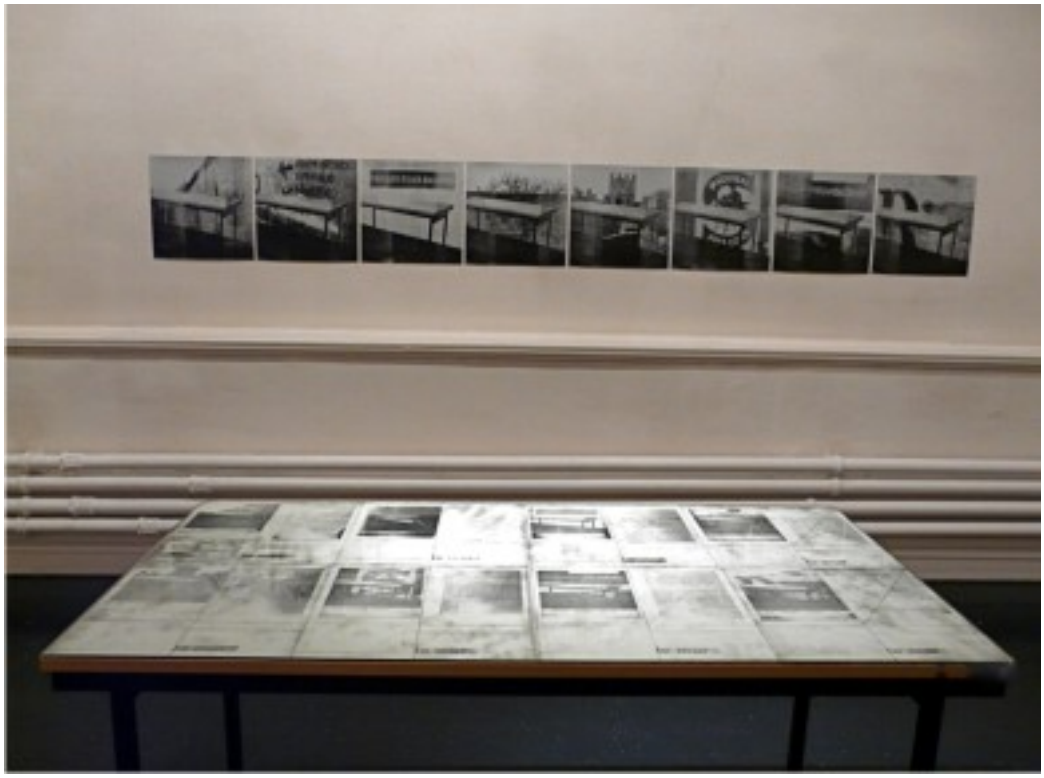
escolhidos para a ampliação da fotografia original. Quando transferidas para a chapa de alumínio, novamente adquirem qualidades de outros processos fotográficos, como o "ar" platinado próprio do daguerreótipo, processo inicial da captação de imagens por meios mecânicos.

Da captura digital à impressão gráfica, da imagem original à sua forma final, muita coisa fica no caminho, e é exatamente aí que se cria o problema da visualidade nessa série. De fato, o interesse da artista parece recair sobre a perda, sobre aquilo que fica de fora na transferência de uma imagem para um suporte. Paula submete essas imagens a um processo de tradução severo, criando um tipo de escrita visual onde o referencial ganha uma interpretação bastante ressignificada a partir desses processos.

A ausência pulsante em todo o trabalho contamina a leitura das imagens fazendo com que a pergunta "o quê é isso?" fique em segundo plano. Dessa forma o sentimento de realidade presente em toda imagem fotográfica desaparece, evidenciando uma reflexão, como diz Paula, sobre a origem de processos de registro e disseminação da imagem como elemento que transita entre o factual e o imaginário. Além disso, a partir do momento que liberamos o olhar de decodificar com precisão o que está sendo visto, é possível embarcar em outras questões trazidas à tona pelas qualidades gráficas do espaço arquitetônico que essas imagens acentuam.

O interessante aqui é deixar-se conduzir pelos caminhos que o trabalho propõem, sejam eles espaciais, através das linhas e direções que conferem movimento e circularidade ao conjunto, sejam eles filosóficos, que questionam o estatuto da imagem hoje.[6]

Vista panorâmica da instalação Estruturas (da série "Inventário de coisas vistas").
Centro Cultural São Paulo, 2008



"La table/le mur", da série "Inventário de coisas vistas". Transfer CTP, impressão sobre papel. Tamanho aproximado 8m^2. Trabalho apresentado na exposição Parallèles 22°S-50°N, no Musée de Beaux-Arts de Verviers, Bélgica, 2009.

A série "Inventário de coisas vistas", está centrada na aquisição e apropriação de um conjunto de imagens arquetípicas presentes em um determinado local e na questão paradoxal e provocativa de realização de um "inventário", onde o sentido do pretenso "inventário" se transforma em uma "documentação impossível" de coisas vistas. A série foi idealizada como algo que por si não tem como ser finalizada, mas apenas apresentada em uma espécie de "classificação" momentânea de aspecto simbólico e com caráter referencial sobre um determinado sítio, onde a realidade factual acaba ficando a mercê da memória afetiva de contato com o local.

Em "Escritura das pedras" - série iniciada simultaneamente a "Inventário de coisas vistas" em 2007 - a referência parte do texto *L'Écriture des pierres* (1970) de Roger Caillois que reflete sobre a simpatia que parece existir entre as formas complexas do mundo mineral e as figuras da imaginação humana.

Nesse sentido, realizei uma pesquisa fotográfica sobre as possibilidades imaginativas das formas e texturas das pedras que encontrei em percursos de determinados sítios, e a partir disso as reconstruí em gesso. Posteriormente essas

reconstruções foram colocadas ao ar livre e com isso agregaram novas marcas de tempo que foram novamente registradas.

Após essa primeira etapa iniciei um trabalho com as imagens fotograficas, as quais foram utilizadas em um ciclo de transferências gráficas passando para matrizes de papel e finalmente impressas em suportes de alumínio e PVC.

Detalhes das "pedras de gesso" realizadas para a "Escritura das pedras"

Uma das características da série, além do registro feito a cada etapa, foi a experimentação de inversão entre matriz e suporte, trabalhando com um ponto chave de alguns dos processos gráficos tradicionais, como a gravura em metal e o próprio offset (com suas matrizes de alumínio). A forma final dos trabalhos também se aproxima muito dos efeitos dos primeiros experimentos com fotogravura e até das características das imagens geradas nas calotipias de Fox Talbot (1839).

"Escritura das pedras I". Transfer CTP sobre chapa de alumínio.
Tamanho total: 30 cm x 160 cm x 3cm

A presença de textos com peso visual muito acentuado procura realizar uma conexão imaginária com as imagens. A necessidade de uso de textos implica em

provocar algumas questões: seriam textos de relatos baseados em diários de viagem, de experimentos? Seriam de fato descrições verídicas?

Esta série no início também se configurou como uma possibilidade de reflexão sobre as formas de percepção e reconhecimento de imagens diante da alteração do referencial fotográfico. A criação de ambientações e de viagens fictícias, as justaposições de imagens e textos tinham como objetivo criar uma situação de estranhamento e deslocamento.

O trato gráfico dado as imagens digitais impressas sobre alumínio e PVC em "Escritura das pedras", utilizou o *halftone* para estabelecer um "jogo" entre as partes que compõe a série. Esse "jogo" buscava a variação de formas provocada pela construção da imagem por meio de pontos. As formas criadas ao acaso, pelo processo de impressão e pelas marcas imprecisas dos pontilhados foram incorporadas como referência as próprias imagens originais, que em sua maioria são pedras desgastados pela ação do tempo, acentuando a predisposição do observador em investigar as passagens gráficas.

Atualmente a série se apropria de outros processos de transferência de imagens fotográficas, em especial a realizada com pigmento (toner) e resina acrílica. Processo no qual há possibilidade de se realizar diversas sobreposições, simulando os *layers* de imagens fotográficas digitais, o que ressalta a idéia de passagem de tempo como sobreposições de camadas, numa relação quase arqueológica (BOURRIAUD, 2008) com os elementos de um determinado sítio.

Os textos, palavras e frases que estão presentes nos trabalhos mais recentes desta série, continuam a reforçar o aspecto de diário de viagem/diário de anotação em conexões com os "lugares" abarcados pelas imagens.

Finalmente na série "Paisagem-percurso" procuro delimitar um campo de atuação e construção poética que tem como elementos norteadores: a forte experiência de deslocamento espacial, a captura e resignificação de elementos encontrados no percurso, textos realizados especificamente e/ou como anotações de percurso, os sistemas de localização e a perversão/inversão do uso desses sistemas.

O trabalho intitulado "Para este lado" é um exemplo significativo dentro desta série. Ele possui as características de realização de um percurso, trata-se de um *work in progress* que a cada exposição sofre alterações que vão acrescentando novos elementos e estabelecendo outros usos e significados para os antigos.

"Para este lado" é uma instalação composta por elementos gráficos, fotografias digitais e vídeo, que se modifica a cada exposição e reflete sobre o próprio desenvolvimento da noção de paisagem *em percurso*, numa relação entre fragmentos de cenas vistas, memória e deslocamento espacial.

Como nas outras séries, a instalação remete a significados expandidos relacionados a "paisagem" e ao "percurso". Ocorre uma "narração" visual que simula uma formatação (quase) documental onde as partes iniciais e as partes acrescidas a cada nova etapa/exposição evidenciam as mudanças sobre o percurso e sobre as coisas encontradas no caminho.

A expressão "para este lado" indica não uma direção exata a ser seguida, mas possibilidades conceituais de movimentação seja corporal ou virtual. Esta situação de movimentação se expande para a navegação/percurso de sistemas virtuais como o hipertexto.

Detalhe da instalação "Para este lado". Centro de Exposições, Guarulhos (SP), 2008. Este trabalho foi exposto posteriormente com novos elementos, no Projeto 79>09, MAC-Campinas, 2009.

Os textos presentes neste trabalho, em especial nas plotagens auto-adesivas e no vídeo[7], remetem a frases que contém a expressão "para este lado". Essas frases foram coletadas na internet, como um meio de expansão e contraposição ao percurso real. A composição das frases preserva a ordem de captura realizada na internet, gerando uma situação de perda da referência original e de resignificação das frases dentro de contexto da instalação. Interessante notar que mesmo sendo capturadas a partir de uma busca aleatória na internet as frases que contém a expressão "para este lado" se configuram como um texto coeso e significativo:

> Vira-te para este lado | Anda comigo para este lado do mundo | Então eu vou para este lado e você para o outro | Todos tendem para este lado, não se preocupe | Olha agora para este lado, fixa o teu olhar | É preciso chamar a atenção para este lado | O tempo esta curto, não estou indo para este lado | Pode haver uma propensão para este lado mais agressivo | É preciso chamar a atenção para este lado | Pedido de sugestões para este lado do mundo

A instalação é um processo em aberto de captura de elementos fragmentados, que deslocados de seu contexto original e unidos em formatações diversas, servem para desvelar uma nova possibilidade de paisagem.

Outro trabalho em curso nesta série "Paisagem-percurso" é intitulado "Manual de localização imaginária" e trata da relação entre percepção e imaginação do espaço circundante e do deslocamento possível (ou não) nesse suposto espaço, onde: "pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos como presença e ausência, imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova" (BACHELARD, 1988).

Este trabalho propõe um questionamento que recai sobre o poder dos sistemas de informação e tecnologias de localização, que exercem um fascínio pela forma instantânea como os dados são processados e pela alta-tecnologia envolvida e (agora) acessível a um número cada vez maior de usuários, seja em aparelhos GPS ou mesmo no celular.

Mapas, GPS e elementos de localização em "Manual de localização imaginária", são utilizados como referência e propositadamente alterados para que a dimensão de percepção do espaço - e de como interagimos com ele - possa gerar uma ficção e desequilibrar sistemas informativos baseados em plataformas tecnológicas.

Nesse sentido, a série perverte o uso de certos elementos que deveriam nos auxiliar em uma localização real, e assim elementos utilitários são transfigurados em objetos destituídos de função e passam a operar apenas num sentido metafórico.

O corte, a edição, os apagamentos e o desfoque presentes nos trabalhos da série sugerem que algo precisa ser completado pelo observador. As imagens determinam uma situação onde o "Manual" não realiza um pacto com a realidade, mas provoca um deslocamento de realidade.

A primeira produção dentro de "Manual de localização imaginária", foi o trabalho intitulado Ponto X/Mapa | Ponto 0/Mapa, um díptico, produzido em 2009, com a utilização de fotografia, montagem em caixa de madeira laqueada preta.

Ponto X/Mapa | Ponto 0/Mapa (díptico), 2009. Dimensões 32 cm x 124 cm x 3 cm.

O díptico problematiza as relações visuais e conceituais sobre localização espacial e elementos técnicos que utilizamos para levar a termo nosso sentido de percurso e deslocamento.

O que se pretende é uma apropriação de modo não-realista e não-funcional de certas situações e aparatos tecnológicos de localização com a intenção de provocar um embate entre a utilização desses meios e nossa relação com os processos de orientação espacial.

As fotografias utilizadas são indicações de marcações de locais (ponto 0, marco X e um mapa) elas são propositadamente desfocadas e para se perceber completamente as imagens é preciso visualizá-las de longe, quando vistas de perto são ininteligíveis. Elimina-se aí uma função do "mapa" e acrescenta-se uma outra que é a de aproximá-lo de uma vista panorâmica. A montagem também propõe uma referência formal as dobras dos mapas que se carrega em viagens, convertendo significados funcionais em significados poético-conceituais.

As reflexões aqui apresentadas sobre a produção estabelecem conexões e aproximações com uma noção expandida de paisagem e de percurso, onde processos e elementos poéticos propõe, de modo geral, o *espaço* como um *contenedor* de histórias que podem ser reveladas, reinventadas e reestruturadas.

[1] Charles Baudelaire desenvolveu um significado derivado de *flâneur* que basicamente é o "de uma pessoa que anda pela cidade a fim a experimentar". Em função da concepção criada por Baudelaire e do uso do termo por numerosos pensadores, a idéia de flâneur, acumulou diversos significados para caracterizar a experiência da modernidade urbana.

[2] Manuel OLVEIRA é diretor do Centro Galego de Arte Contemporâne de Galícia (Espanha)

[3] "construção puramente mental, criada a partir de elementos mais simples para ser parte de uma teoria." (Dicionário Houaiss, 2009)

[4] As séries e detalahes sobre os trabalhos podem ser vistos em: www.paulaalmozara.art.br

[5] Texto de Sylvia Furegatti para a exposição "Vistas Possíveis" no Ateliê Aberto, 2006

[6] Texto de Gabriela Motta para a exposição " Inventário de coisas vistas", 2008, realizada no Centro Cultural São Paulo, dentro da II Mostra do Programa de Exposições.

[7] Ver o vídeo da instalação "Para este lado" em: http://vimeo.com/paulaalmozara

Referências

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOURRIAUD, Nicolas. "Estratos". In: *Estratos", Proyecto Arte Contemporáneo*, España, Murcia, 2008. 33p.

CAILLOIS, Roger. *L`Écriture des pierres*. Paris: Flammarion, 1970.

VILLAR, Virgina (org.). *Paseantes, viaxeiros e paisaxes*. Santiago de Compostela: Centro Galego de Arte Contemporânea, 2007.

Paula Cristina Somenzari Almozara

Doutora em Educação na área de "Educação, conhecimento, linguagem e arte" e Mestre em Artes Visuais pela Unicamp. Professora e pesquisadora da PUC-Campinas. Realizou exposições individuais e coletivas no Brasi e no exterior, destacando-se a exposição individual em 2008 no Centro Cultural São Paulo e as premiações em 2007 no 62º Salão Paranaense, Prêmio Aquisitivo no SAC de Piracicaba e Menção Honrosa no Salão de Guarulhos (2007).